

**A ESTUPIDEZ HUMANA NA SOCIEDADE HIPERCONECTADA: UMA
URGÊNCIA, UM ALERTA**

**LA ESTUPIDEZ HUMANA EN LA SOCIEDAD HIPERCONECTADA: UNA
URGENCIA, UNA ALERTA**

**HUMAN STUPIDITY IN A HYPERCONNECTED SOCIETY: AN URGENCY, A
WARNING**



Sebastião de Souza LEMES¹
e-mail: ss.lemes2@gmail.com



José Anderson SANTOS CRUZ²
e-mail: andersoncruz@editoraiberoamericana.com

Como referenciar este artigo:

Lemes, S. de S., & Santos Cruz, J. A. (2026). A estupidez humana na sociedade hiper conectada: uma urgência, um alerta. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 30, e026001. <https://doi.org/10.22633/rpge.v30i00.21027>



| **Publicado em:** 27/02/2026

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara – SP – Brasil. Pós-doutorado pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar na FCLAr/UNESP, onde atua e desenvolve pesquisa nas áreas de Avaliação, Currículo, Tecnologia e Política Pública.
² Editora Ibero-Americana. Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr). Professor, Editor e Assessoria Editorial para periódicos. Pesquisador no contexto de Gestão e Políticas Editoriais, Indexações de periódicos, Acesso Aberto, Ciência Aberta, Processos Editoriais, Gestão do Conhecimento e Gestão Editorial.

Nunca tivemos tanto acesso à informação e, paradoxalmente, nunca estivemos tão vulneráveis à sua antítese: a estupidez. Não nos referimos aqui à falta de instrução formal ou ao baixo quociente de inteligência; referimo-nos à estupidez como fenômeno social, moral e sistêmico. Se outrora ela era um ruído de fundo, hoje ela é o regente da orquestra global, amplificada por algoritmos e agora processada em escala industrial pela Inteligência Artificial (IA).

Há épocas em que a história parece avançar por meio de descobertas, invenções e revoluções intelectuais; há outras em que o progresso técnico convive com um processo de regressão silenciosa do pensamento e do pensar. Há, a meu ver, esse paradoxo em nosso tempo com imensa tensão entre a era da IA, da hiperconectividade, da informação e da comunicação imediata/instantânea e, ainda assim, assistimos à proliferação de uma forma social de estupidez que ameaça corroer as bases da vida pública, do discernimento moral e, até mesmo a própria ideia de verdade. A estupidez humana, como advertiram alguns dos mais importantes observadores do século XX, não pode ser reduzida a uma simples deficiência cognitiva. Ela constitui um fenômeno coletivo, um estado psíquico e social que se infiltra nas estruturas da vida comum, produzindo efeitos políticos, culturais e morais devastadores. Muito distante de ser um problema individual, ela se manifesta como uma força histórica, frequentemente invisível, mas profundamente eficaz.

Dietrich Bonhoeffer (1997) percebeu como poucos e com tanta clareza tal fenômeno. Em 1943, enquanto esteve preso pelo regime nazista, ele formulou considerações bastante perturbadoras sobre a natureza da estupidez humana. Para Bonhoeffer (1997), o verdadeiro perigo para o bem não é a maldade deliberada, mas a estupidez. O mal pode ser enfrentado; a estupidez, não. Contra ela, argumentos falham, fatos se tornam irrelevantes e evidências são rejeitadas. A maldade pode ser combatida e denunciada, o estúpido é invulnerável a argumentos, pois a estupidez não é um problema intelectual é, sim um defeito moral. Ela floresce onde o indivíduo abdica de sua autonomia interior para se fundir à massa. Trata-se de uma falha moral de grande espectro e não de ignorância intelectual, é o abandono voluntário da autonomia interior que prospera sobretudo sob condições de poder. Quando indivíduos se fundem em massas, políticas, ideológicas ou religiosas, tornam-se suscetíveis a uma espécie de anestesia moral. Nesse estado, deixam de pensar por si mesmos e passam a funcionar como instrumentos de forças externas. A pessoa estúpida, nesse sentido, não é necessariamente incapaz de raciocinar; ela simplesmente renuncia à responsabilidade de fazê-lo.

O historiador Carlo Cipolla (1988; 2011; 2018) nos apresentou a advertência mais pragmática de que o estúpido é aquele que causa danos ao próximo sem obter ganho para si e, muitas vezes, prejudicando a si mesmo no processo. Seria um tipo de personificação da irracionalidade destrutiva que compartilha a desinformação que corrói o tecido social, ataca instituições de que ele mesmo depende e gera uma *perda líquida* para a humanidade, apenas pelo prazer efêmero de uma validação tribal.

Num outro espectro analítico, o ensaísta Robert Musil (1990; 2006) denomina estupidez disfarçada de progresso aquela praticada por técnicos e especialistas que, presos a dogmas ou métricas frias, perdem a visão da totalidade e da humanidade. É uma razão absolutamente limitada movendo o mundo atual. Musil (1937) nos alerta que a estupidez não é o oposto da inteligência, mas o obscurantismo da sua sombra. Isso se revela na dependência e na confiança cega das informações disponibilizada nas redes sociais com sistemas de IA que, embora processem dados com velocidade sobre-humana, em geral, carecem de sensatez, profundidade e discricionariedade contextual/circunstancial mimetizando uma inteligência que, no fundo, pode ser apenas uma automação do erro ou a transformação da tecnologia, de *ferramenta digital* a uma espécie de catalisador patológico que espalha aleatoriamente a estupidez, tornando o erro humano (defeito moral) algo tecnicamente perfeito e inquestionável, porém gerando conteúdos que parecem verdadeiros, mas que são apenas reflexos sintéticos da nossa própria mediocridade coletiva.

Nesse sentido, a estupidez não é ausência de pensamento ou um pensamento frouxo, aleatório, mas uma forma empobrecida do pensar, um raciocínio que se move com segurança em um campo estreito, porém incapaz de reconhecer seus próprios limites. É precisamente por isso que ela pode prosperar em sociedades com altos níveis de desenvolvimento e tecnologicamente avançadas. O semiólogo italiano Umberto Eco (1979) percebeu e descreve que seu desdobramento mais intenso se dá na esfera da comunicação contemporânea por meio das redes sociais. Estas, segundo Eco (2018), criaram um ambiente de validação que deram voz a uma legião imersa na imbecilidade; em outros tempos, permaneceria confinada a conversas privadas e, portanto, sem capilaridade comunicacional para compartilhar suas *crenças* em um contexto social mais amplo. Por meio do ambiente digital, redes sociais e IA, fundamentalmente, configura-se um ecossistema de imersão na imbecilidade, no qual a distinção entre conhecimento e opinião se dissolvem, opiniões infundadas adquirem a aparência de consenso e mutuamente se confirmam com aparência de consenso. A complexidade é substituída por slogans e *chavões*; o debate público, por reações imediatas; a verdade, por

narrativas emocionalmente convenientes e, assim, a estupidez se torna um fenômeno comunicacional amplificado pela tecnologia.

As IAs, as plataformas e aplicativos digitais e os algoritmos de recomendação ampliaram exponencialmente o alcance das ideias, mas não necessariamente a qualidade do pensamento. Pelo contrário: muitas vezes, esses sistemas recompensam justamente aquilo que é mais simplificador, mais emocional e mais polarizador, fazendo emergir na sociedade uma espécie de paradoxo civilizatório onde, quanto mais sofisticadas se tornam as tecnologias cognitivas, mais evidente se torna o risco da obsolescência cognitiva humana. A máquina *aprende*; o humano, frequentemente, parece desaprender. O problema (ou perigo), como alertava Bonhoeffer (2003), não reside apenas na existência da estupidez, mas em sua capacidade de se aliar ao poder, pois, quando sistemas tecnológicos, interesses políticos e massas desinformadas convergem, imersos nesse ecossistema, a estupidez deixa de ser apenas um defeito humano e passa a atuar como uma força histórica e social onde a veracidade dos fatos é irrelevante frente à capacidade de chocar e a complexidade do real é desconsiderada para alimentar bolhas de confirmação. Como na metáfora de Eco (2018), é o sacrifício da complexidade do real no altar das respostas fáceis e dos profetas de conveniência.

O ser estúpido se deleita nas redes sociais, embalado pelas ondas dos algoritmos de engajamento e fluxos incessantes de informações que criam ambientes onde a reflexão lenta se torna rara e o pensamento crítico desaparece pela velocidade da reação que lhe é exigida. A convergência dessas visões nos traz o desenho de um quadro sombrio: a estupidez que deixa de ser uma falha individual para se tornar uma imbricação estrutural na dinâmica da sociedade e, por isso, provoca uma crescente onda de indignação intelectual envolvendo a sociedade. Pela perspectiva dessas visões, reconhecer que das maiores ameaças às sociedades não é a falta de dados ou informações para resolvermos os problemas e satisfazermos nossas necessidades, mas a nossa crescente e confortável incapacidade de interpretá-los com decência e criticidade. Esse quadro sombrio nos sugere uma urgência civilizatória, a estupidez não é só o defeito moral individual é uma patologia estrutural e algorítmica que pode nos levar um dos maiores perigos da história: o domínio da estupidez.

REFERÊNCIAS

- Bonhoeffer, D. (1997). *Letters and papers from prison* (E. Bethge, Ed.). Touchstone; Simon & Schuster.
- Bonhoeffer, D. (2003). *Resistência e submissão: Cartas e anotações escritas na prisão*. Vozes.
- Cipolla, C. M. (1988). The basic laws of human stupidity. In C. M. Cipolla, *Allegro ma non troppo*. Il Mulino.
- Cipolla, C. M. (2011). *Allegro ma non troppo: The basic laws of human stupidity*. W. W. Norton & Company.
- Cipolla, C. M. (2018). *As leis fundamentais da estupidez humana*. Planeta.
- Eco, U. (1979). *Apocalípticos e integrados*. Perspectiva.
- Eco, U. (2016). *Pape Satàn Aleppe: Chronicles of a liquid society*. Harvill Secker.
- Eco, U. (2018). *De la estupidez a la locura: Crónicas para el futuro que nos espera*. Debolsillo.
- Musil, R. (1937). *Über die Dummheit* [Sobre a estupidez] (Conferência). Viena, Áustria.
- Musil, R. (1990). On stupidity. In B. Pike & D. Luft (Eds. & Trans.), *Precision and soul: Essays and addresses*. University of Chicago Press.
- Musil, R. (2006). *Sobre a estupidez*. Relógio d'Água.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

